

A BRICOLAGEM COMO FORMA POÉTICA E IMPROVISADA: UMA VISÃO DE VIVÊNCIAS DO MC DANÇARINO

BRICOLAGEM AS A POETIC AND IMPROVISED FORM: A VISION OF LIVING OF MC-DANÇARINO

**Waldete Brito
Gesiel Leão
UFPA**

Resumo

O presente estudo foi elaborado por meio de pesquisas e vivências a partir de um dos elementos do hip-hop, cultura na qual investigamos neste campo de estudo, desde o ano de 2012. As abordagens centrais aqui desenvolvidas partem de uma pesquisa extensa, tanto filosófica quanto poética, de experiências e criações, sobretudo a partir das reflexões e contribuições do projeto de pesquisa Poéticas Contemporâneas: Bricolagem coreográfica e improvisação, coordenado pela professora Dra. Waldete Brito, realizado na Escola de Teatro e Dança na Universidade Federal do Pará, em 2017. A partir de discussões neste projeto, buscamos compreender em que medida é possível identificar a bricolagem nas “batalhas” de rimas que ocorrem nas periferias de Belém e no município de Barcarena, localidades de grande crescimento deste movimento artístico. Observamos nas rodas de Freestyle (estilo livre), a velocidade e habilidade que os MC’s, (Mestre de cerimônia) possuem no ato do improviso. Há uma subjetividade criativa de bricolagem gestualidade, sonoridade corporal e técnicas, para construir as rimas. O texto constrói-se no diálogo com os autores Lévi-Strauss, Fayga Ostrower, Joe Kincheloe, dentre outros que contribuem para esta tessitura tramada de bricolagem cênica.

Palavras-chave:

Bricolagem; Improvisação; MC.

Abstract

The present study was elaborated through researches and experiences that I had when entering one of the elements of hip-hop, a culture in which I dive in search and to know since 2012, year in which I had the first contact with this dance genre. The central studies developed here, part of an extensive research, both philosophical and poetic of my experiences, mainly from the reflections and contributions of the Research Project: Contemporary poetics: choreographic bricolage and improvisation, coordinated by Professor Dr Waldete Brito, Theater and Dance at the Federal University of Pará. Based on discussions in the research project, I will investigate to what extent it is possible to identify the choreographic bricolage and the “battles” of rhymes that occur in the peripheries of Belém and in the municipality of Barcarena, localities of great growth of this cultural movement, in which the practitioners who, through the improvisation in the body-rhyme relationship, “battle” each other. It was on the wheels of freestyles that the desire to research and study the “MC’S” (Master of Ceremony) was born, based on observations, improvisation, of their gestures and the way in which they construct their rhymes. There is a creative subjectivity of bricolage gesture, body sound and techniques, to build the rhymes. The text is constructed in the dialogue with the authors Lévi-Strauss, Fayga Ostrower, Joe Kincheloe, among others that contribute to this scenario made of bricolage scenic.

Keywords:

Diy; Improvisation; Mc.

INTRODUÇÃO

As publicações acadêmicas acerca dos processos criativos e experiências no campo do Hip-Hop, ainda são tímidas. Mergulhar neste lugar de criação é ampliar o olhar do fazer-sentir a dança que emerge do que nominamos de corpo/rima. Este termo deriva de uma pesquisa maior chamada corpo/hip-hop, na busca de encontrar distintas formas corporais impressas no mesmo. Um corpo cuja textualidade artística se processa na interface entre os recursos da rima organizada cenicamente, por meio da articulação dos fonemas em versos, com a gestualidade e sonoridade dos movimentos corporais transformados em rimas.

A pesquisa artística exige um campo específico que dialoga com a técnica, ou melhor, com as técnicas utilizadas para a sua materialização estética. Acreditamos que nos processos criativos existem múltiplas técnicas corporais que concorrem para a organização da obra. Na particularidade da dança em questão, nos interessa olhar para a prática do MC, a fim de desvelar um pouco o seu modo de criação durante as batalhas de rimas, sendo esta, um elemento do Hip-Hop.

O MC, não é apenas mais um dos elementos que constitui esta técnica de dança, mas um artista em potência que articula a bricolagem e a improvisação como técnicas criativas em forma de rimas, podendo dialogar textualmente com distintos temas, como por exemplo, político, social, econômico, etc.

No trajeto deste estudo, algumas questões emergiram, entre elas: de que maneira alguém se torna MC? Como se organiza o corpo do MC para criar rimas? Quais técnicas são utilizadas na construção do corpo que dança e rima? Não temos a pretensão de responder de forma absoluta tais questões, porém, deixaremos aqui algumas reflexões sobre essas indagações que serão comentadas mais adiante, como forma de ampliar os diálogos neste processo.

Para construir este pensamento sobre a bricolagem e improvisação na performance do MC, necessário se faz, primeiramente, tecermos algumas considerações sobre o conceito de bricolagem como método de pesquisa, e sobre a figura do *bricoleur*.

O termo bricolagem também aparece no âmbito da antropologia, educação e no campo artístico, além de outras áreas do conhecimento. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1989), considerava a bricolagem como aquela que deveria ser a “primeira” ciência, que teve início com os povos primitivos e a sua maneira de organização cultural e modos de se relacionar com o meio ambiente para a sobrevivência coletiva.

Para Kincheloe (2007, p.30), “a bricolagem se dedica a uma forma de rigor que dialoga com inúmeros modos de produção de sentido e de conhecimento, que tem origem em diversos locais sociais”. Partindo deste pensamento, encontramos na prática artística do MC, uma variedade de palavras, sons, gestualidades, tempo de ação, habilidade e uma capacidade veloz e potente de produção de sentidos organizados com muita propriedade, no momento de explorar e criar novos arranjos no corpo-rima.

No avanço desta pesquisa podemos considerar o MC como um *bricoleur*. Para Lévi-Strauss (1979, p. 43) “o artista tem, por sua vez, algo de cientista e do *bricoleur*: como meios artesanais, ele confecciona um objeto material que é, ao mesmo tempo, um objeto de conhecimento”. A materialização do corpo-rima, durante a atuação do MC, é constituída por meio do seu próprio repertório corporal. O conhecimento de suas possibilidades motoras e o contexto político sociocultural adquirido ao longo de sua formação, o faz ser um criador ativo e capaz de jogar com distintas realidades no ato de bricolagem e improvisar.

Neste campo de estudo, elegemos a bricolagem como método de pesquisa, sobretudo, por ser uma via que se “recusa a seguir um rumo estabelecido e valoriza a improvisação (...)” (KINCHELOE, 2007, P.11). É neste terreno movediço e, às vezes, sem rumo, que acontece a criação do MC. A dinâmica é ativa, e não passiva, o artista busca métodos pessoais a fim de escavar modos diferentes de materializar a sua obra, logo, se faz necessário fugir de modelos predeterminados, que indicam o caminho “certo”.

O MC BRICOLEUR: CORPO-RIMA

Historicamente, a figura do “DJ”, tem um papel importante por ser o primeiro elemento da cultura hip-hop. Uma de suas funções tem relação com novos lançamentos de breakbeats¹ (batidas

sonoras), tais batidas contagiam tanto o dançarino chamado de b-boy como os MCs” (CORIO, 1987, p.16). Há um significativo diálogo entre o DJ e o MC, ambos trabalham simultaneamente para que haja sentido durante a performance.

Vale ressaltar que, no desenvolvimento da cultura hip-hop, o DJ, pesquisa as batidas sonoras, e o MC encontra o espaço para desenvolver as rimas na fruição rítmica. Sons e palavras são transformadas em versos que impulsionam a dança do b-boy.

A designação da sigla MC, como mestre de cerimônia, nos revela, de fato, mais um campo complexo de atuação artística. A sua figura é importante no que entendemos como corpo/hip-hop, que reúne em si outros elementos como o grafite, break e o DJ. Este artista pode atuar no âmbito da música, da dança ou pode ser um apresentador de um determinado evento artístico ou não. Em geral, possui muita facilidade de comunicação com o público.

No momento da improvisação, o artista usa os mecanismos que tem ao seu alcance e em seu repertório pessoal. Este processo de criação é semelhante à bricolagem como método de pesquisa. Assim sendo, o MC é um *bricoleur* que articula múltiplos métodos de investigação e mergulha em situações tanto imprevisíveis quanto determinadas, faz uso de métodos pessoais para adquirir novas formas de recriar. Bricolagem e improvisação, neste caso, são técnicas inseparáveis, uma complementa a outra, na perspectiva de explorar as diferenças no modo de criar de acordo com a demanda estética nos seus processos de atravessamentos.

Para compor seus versos, as palavras podem surgir em pequenas frases, de forma aleatória, de uma imagem, que podem derivar ou não da mesma gramática e, ainda, de distintos idiomas. Quando o MC Bricoleur tem conhecimento do seu repertório de corpo-rima, ele consegue realizar a bricolagem de modo mais fluente.

O MC *Bricoleur* tem um papel importante na cultura hip-hop por comunicar e por interagir nos eventos. Vale ressaltar, que a sua atuação é significativa, dentre outros aspectos, por agregar outras culturas e diferentes falas de distintas etnias para compor suas animações ou seus versos. Há um jogo de rimas de palavras com

lógica e sentido, carregados de informações. Os conteúdos conflitantes ou não, podem ser recursos dialógicos para abrir reflexões acerca de um determinado tema na contemporaneidade.

O corpo-rima que bricola a textualidade sonora e gestual, ultrapassou a criação coreográfica como elemento do hip-hop, e ganha outros espaços, outrora impensáveis para esta prática artística, como por exemplo, o ambiente escolar.

Em 2002, surge o grupo de hip-hop Matéria Rima. Este grupo faz uma diferença significativa em algumas escolas da rede pública de ensino. Além de realizar apresentações artísticas nas escolas e em praças públicas, no Estado de São Paulo, também oferece palestras socioeducativas, com temas que contribuem para a formação do sujeito. Em 2014, dado o sucesso alcançado e os inúmeros convites para apresentações no Brasil e exterior, o grupo passou a chamar-se de Instituto Cultural e Educacional Matéria Rima.

O Matéria Rima, possui inúmeros projetos que reúne diferentes linguagens artísticas, como por exemplo, o Cesta Criativo, que agrupa escritores, músicos, poetas, ou seja, um encontro entre artistas que ajudam na valorização do hip-hop como um lugar de produção de sentido e conhecimento.

O MC *bricoleur* encontra um vasto campo de pesquisa para rimar distintos elementos que formam o corpo-rima. Notamos ser uma prática que ora lida com o improviso, ora com texto determinado. Há, portanto, um ritmo livre, com possibilidades de bricolagem com os elementos que estão em torno do artista, com informações entre o dentro e o fora de si mesmo para o fazer criativo. Sobre este fazer, Ostrower (2013, p. 263), afirma que, “o modo criativo sempre se desdobra numa simultânea exteriorização e interiorização da experiência de vida, numa compreensão maior de si próprio e numa constante abertura de novas perspectivas do ser”.

A concepção do corpo-rima é, em tese, o resultado de suas vivências e experiências. O corpo recebe, emite e compartilha a sua visão de mundo, a partir de sua compreensão no ambiente onde se insere. Isso significa dizer que,

A relação que se processa constantemente entre o espaço externo e interno do corpo, é sempre uma via de mão dupla. É, por assim dizer, um movimento ininterrupto que se auto-alimenta das substâncias

que emergem desta troca quântica entre o sujeito, o objeto e o ambiente. Este trinômio, mesmo na singularidade que o identifica como tal, é sempre resultado de todas as misturas, interferências e alterações sofridas em contextos que lhes são próprios. (FREITAS, 2012, p.85).

O jogo bricolado e operado pelo MC durante a sua apresentação, é, por assim dizer, fruto das mensagens, alterações e misturas de tudo o que o forma como sujeito. Improvisar textos, gestos e situações que surgem em tempo real é, também, saber quando o *time* do “jogo se decompõe então numa sequência de signos e unidades que garantem a coerência e a interpretação do texto”. (PAVIS 1999, p.220). Há um conteúdo político, educacional, social e artístico, embutido nas rimas faladas e dançadas. Criar distintas situações de corpo-rima implica em extrair de si mesmo toda a condição imprescindível para participar, por exemplo, das batalhas carregadas de improviso.

BATALHAS DE BRICOLAGEM

Segundo o dicionário, batalha nada mais é que o duelo entre dois oponentes, ou seja, o ato de duelar para ver quem seria ou é o mais forte, entre ambos, em determinada atividade/exercício. Nas *cyphers* (rodas de rima) é visível o confronto entre os MC's presentes, e há um item importante aqui observado em que os mesmos não medem esforços, abrindo mão de todo o seu leque de conhecimentos adquiridos nas suas práticas e vivências nas *cyphers*. No desenvolver de suas performances, suas gestualidades mudam de acordo com o tema abordado na sessão, a chamada “sessão” é o tempo determinado para que cada MC mostre o quanto consegue dialogar e rimar de acordo com o tema eleito.

Algumas batalhas não possuem temas pré-determinados, esse tipo de batalha se dá através de puro improviso, levando o MC a desafiar não só o seu oponente, como a si próprio, sendo o mesmo atravessado diversas vezes durante sua sessão, por inúmeras influências tanto de seu oponente no ato do diálogo, como do ambiente em que seu desempenho acontece. Há um jogo de memórias do corpo-rima, de vivências passadas que também podem ser usadas como disparador criativo.

Aspectos físicos de seu oponente, juntamente com seu poder de raciocínio, podem ser fatores cruciais para determinar quais dos MC's será o vencedor no final.

Observamos a técnica de bricolagem na estrutura da composição e no modo de juntar fragmentos distintos de diversos assuntos, com a finalidade de construir um encadeamento de versos com sentidos e significados, sejam esses levados para o lado político, cultural ou socioeconômico, fictícios ou realistas.

No decorrer da vivência notamos as diversas gestualidades em que o corpo-rima consegue assumir e, é possível visualizar um corpo leve, descontraído, enrijecido e, às vezes, ligeiramente estressado. Pressupomos que essas atitudes corporais acontecem por eventuais atravessamentos ocorridos durante o duelo, como, por exemplo, a ansiedade de vencer a batalha, o nível de adrenalina, a tensão muscular e, por vezes o desequilíbrio emocional que pode comprometer o resultado da performance do MC.

Cada MC na batalha leva o nome da sua comunidade, sendo a mesma o ambiente em que cresceu e reside, além disso, ele tem a grande responsabilidade de bricolar e improvisar versos que façam sentido na sua sessão. Ganhar a batalha é levar um título importante para a sua comunidade, e servir de espelho para diversas outras pessoas que sonham em seguir carreira.

O duelo nesta particularidade acontece de forma verbal, a dominância dos movimentos se concentra nas narrativas orais que podem ser fragmentadas ou não. Contudo, podemos visualizar a existência de uma micro-dança, com pequenos deslocamentos sem perder o contato visual com o oponente. A mesma história tramada por um MC, pode servir de estímulo criativo ou não para o outro, ou seja, há uma mútua conexão entre perguntas e respostas, ações e reações reverberadas no corpo-rima.

Mas de onde emerge tanta criatividade durante a batalha? Podemos elencar uma série de atividades que corroboram para este processo, entre essas, leituras de livros, jornais, revistas e notícias diversas. Tais aspectos são relevantes para treinar o cérebro e, assim avolumar o repertório de diferentes narrativas para serem bricoladas em formato de rimas.

REFLEXOES DO PERCURSO TEXTUAL

O trajeto reflexivo deste percurso criativo à luz do método da bricolagem, em nossa concepção, desvelou uma parte do todo performático da figura do MC. A maneira de atuar e articular modos distintos de improvisar, compreendendo as diferentes técnicas de criar narrativas em formas de rimas para batalhar em contextos diversos, nos ajudou como pesquisadores a fazer uma imersão na cultura do hip-hop, que embora tenha nascido nas ruas, na contemporaneidade também ocupa os espaços fechados, como, por exemplo os palcos dos teatros, escolas, outrora, pouco frequentado pelos b-boys e MC's.

Consideramos então que a formação dos MC's, não acontece a partir de uma técnica monológica, mas de um amplo campo aberto e dotado de procedimentos específicos de uma carga semântica e interdisciplinar, de uma prática artística que entrelaça fatos, histórias e assuntos diversificados transformados em cena.

Outro aspecto diferenciado desta formação diz respeito às trajetórias criativas, comumente, produzida por narrativas em forma de rimas cantadas ou verbalizadas. O aprendizado se processa no exercício do próprio fazer, mas também, nos coletivos em que os artistas atuam e nas situações vivenciadas durante a ação de performar.

Neste estudo, identificamos a importância dialógica entre o DJ e o MC, da cumplicidade e escuta corporal no ato da criação, da escolha dos elementos da composição musical e textual. É da mistura das batidas do som pesquisadas pelo DJ e da narrativa linear ou não, que é verbalizada e/ou cantada pelo MC, que decorre a diferença entre ambos. Vale ressaltar que não há uma relação de poder, mas de respeito do conhecimento que cada um detém na sua área de atuação. Nesse domínio, as diferenças estéticas concorrem para produzir a obra.

A bricolagem como método de pesquisa, neste caso, está operando com um triplo fazer: um que envolve a música; o segundo que aborda a temática a ser desenvolvida; e em terceiro a dança, não necessariamente nesta ordem, já que este método dialoga com aspectos ontológicos e, como tal, trabalha com a ideia de que o "objeto de investigação é ontologicamente complexo, no sentido de que não pode ser descrito como uma

entidade fechada" (KINCHELOE, 2007. P. 90). Sendo, assim, entendemos a complexidade da atuação do MC e do DJ, como espaços de criação em constante mutação, não fixo, mas aberto a lidar com o acaso e imprevistos em diferentes contextos.

À luz dessas considerações, observamos que há um movimento de resistência dos artistas envolvidos com a prática do hip-hop. Este fato provocou a organização dos grupos e contribuiu para o surgimento de novos MC's, b-boys, DJ's - etc. No campo das políticas públicas, em particular nos editais de fomento à criação, notamos a presença de coletivos que aprovaram projetos cênicos. Ademais, é notável a quantidade de grupos, dançarinos, pesquisadores e professores espalhados pelo Brasil e em outros países. Assim, os artistas caminham mantendo viva esta dança por meio de festivais, encontros, palestras e seminários, abrindo perspectivas de novos diálogos sobre processos de resistir, criar e formar público e outros *bricoleurs*.

NOTAS

01. Uma apresentação repetida de batida de bateria, normalmente formando um ritmo rápido e sincopado, utilizado como base para a música e dança.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Waldete Brito Silva de. (Waldete Brito). **A poética da improvisação e o acaso no processo cênico do espetáculo O Seguinte é Esse**. Tese defendida pelo programa de Pós-Graduação na Universidade Federal da Bahia, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8. Ed. Tradução Tania Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. Trad. Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 1987.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação.** Trad. Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

THAMES e HUDSON, **Hip Hop Raised Me**, Ltd, London Maintext. DjSemtexForeword. Chuck D, 2016.

SOBRE OS AUTORES

Waldete Brito é prof^a. Dra. da Universidade Federal do Pará. Diretora artística, coreógrafa e intérprete criadora. Diretora artística do Grupo Coreográfico da Ufpa. Fundadora da Cia. Experimental de Dança Waldete Brito.

Gesiel Leão é graduando do curso licenciatura em dança, dançarino de danças urbanas. Técnico em dança, formado pela Escola de Teatro e Dança da Ufpa. Membro da organização Zulu Nathion.

ABOUT THE AUTHORS

Waldete Brito is Prof^a. Dra. Of the Federal University of Pará. Artistic director, choreographer and creative interpreter. Artistic director of the Choreographic Group of Ufpa. Founder of the Experimental Company of Waldete Brito Dance.

Gesiel Leão is graduating from the licenciatura course in dance, dancer of urban dances. Technician in dance, formed by the School of Theater and Dance of Ufpa. Member of the Zulu Nathion organization.